

GILBERTO FREYRE

Prefácio de Uma Tradução

É COM ALGUMA EMOÇÃO que o autor do ensaio *Social Life in Brasil in the Middle of the 19th century* — trabalho universitário de mocidade, escrito em língua inglesa e à sombra da Universidade de Colúmbia, no já remoto ano de 1922 — acaba de revê-lo, na esmerada versão portuguesa realizada pelo Professor Valdemar Valente; e que o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais decidiu publicar — primeira publicação do nosso trabalho em língua portuguesa e no Brasil — como iniciativa da sua secção de História Social e do ilustre Diretor do Instituto, o Professor Mauro Mota.

Mais do que ensaio de História Social é aquêlê trabalho de mocidade, ensaio um tanto *à la* Goncourt — tal o seu modo de ser realista e, ao mesmo tempo, romântico, nunca, porém, novelesco de História Íntima. Tentativa de reconstituição de alguns aspectos menos ostensivamente públicos e menos brilhantemente oficiais, mas, nem por isto menos sociológica e psicologicamente significativos, do viver em família — inclusive o quase secreto viver das alcovas, das cozinhas, das relações entre iaiás e mucamas, entre mucamas e ioiôzinhos, entre pais e filhos já estudantes — dos brasileiros daquela época, ainda de esplendor patriarcal.

Romântico êle é por não lhe faltar um pouco daquela simpatia pelo passado em que os "louvadores dos tempos idos", desde os Românticos, tanto se extremam. Mas essa simpatia moderada pelo sentido de realismo, talvez às vêzes cru, com que vêm sugeridos, em numerosas páginas, aspectos na-

da honrosos para os princípios de higiene seguidos pelos nossos avós e pelos nossos bisavós; e que caracterizava aquêlê viver em alcovas escuras e às vêzes úmidas; que impregnava de desasseio a atividade das escravas pretas nas cozinhas de sobrados, várias dessas cozinhas instaladas em sótãos aonde a água era levada penosamente pelos muleques; que fazia do transporte do excremento das casas senhoris, para as praias, um escândalo de imundície.

Reaparece o velho ensaio, agora em tradução portuguesa, revisto pelo autor; e num ou noutro ponto alterado em pormenores de superfície, nunca em matéria que modifique sua estrutura ou sua substância. Alterações, quase tôdas, de forma; e visando maior clareza de expressão, maior nitidez de palavra, mais exata caracterização de fatos considerados significativos. Daí vários acréscimos da parte do autor.

Reconhece o autor, em esforço de auto-crítica relativamente fácil de ser feito por indivíduo de idade já proecta com relação a trabalho de mocidade, que o seu ensaio de 1922 escreveu-o quase de um ponto de vista único e êste — admite — personalíssimo: o de um neto ou bisneto que procurasse reconstituir parte da vida mais íntima vivida pelos seus avós e pelos seus bisavós, uns na meninice, outros na idade já madura. Mas procurando nessa vida de uns poucos o que fôsse típico do viver, em dado instante do desenvolvimento do Brasil, de Colônia em Império — os meados do século XIX — de grande número de brasileiros: de tôda uma

casta senhoril e em grande parte branca — organizada em vasto sistema patriarcal, impregnado de religiosidade cristã. Sistema sôbre que se apoiava a economia, a cultura, a ética de uma população que dificilmente podia ser considerada povo. Uma população, em grande parte, de extremos: de senhores e de escravos.

O ensaio que agora aparece, em língua portugüesa com o título de *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*, apareceu em língua inglêsa há quarenta anos. Estava então em moda dizer-se da História que o seu valor, para o homem moderno, estava em poder ser Sociologia ou Psicologia ou Economia aplicada ao passado. Isto — Ciência aplicada ao passado — talvez seja um pouco aquêlê ensaio, escrito por quem era então estudante de Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Colúmbia; e discípulo do antropólogo Boas, do sociólogo Giddings, do jurista Munro, do economista Seligman, do historiador social Carlton Hayes. Mas o que porventura há, no velho ensaio, de projeção da ciência que vinha sendo então adquirido pelo autor, de mestres tão ínsignes e em universidades de tanto renome, não se extrema nunca em cientificismo. É o que o autor hoje verifica com maior alegria, ao ler trabalho escrito em idade ainda tão verde: não o turva nenhum cientificismo, embora só o pudesse, talvez, ter realizado quem juntasse à sensibilidade ao passado da sua própria gente formação rigorosamente científica em universidades estrangeiras.

Não consegue o autor furtar-se à tentação, ao reler trabalho tão remoto como o que se aventurou a escrever há quarenta anos, em língua inglêsa e a que deu o título *Social Life in Brazil in the Middle of the Century*, de procurar surpreender nas páginas do tênuê opúsculo universário — agora traduzido para a língua portugüesa — sugestões de que se desenvolveram nele, autor, com o tempo e com a experiência, outras preocupações e outros modos de considerar a formação e o *ethos* da sua gente: a brasileira. Pois algumas dessas sugestões estão presentes, bem ou mal desenvolvidas, em alguns dos livros que, já plenamente adulto, vem escrevendo sôbre o mesmo assunto.

Apareceram então pioneiramente, tendo

provocado um interêsse que surpreendeu o estreante. Esse interêsse, quer da parte de mestres acadêmicos — do Professor Clarence Haring, por exemplo (professor da Universidade e *scholar* de formação oxononiana que, no ano em que foi escrito *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, se achava na Universidade de Colúmbia, como substituto do Professor William Shepherd), do Professor William Shepherd — a quem o autor deve principalmente a recomendação para o *scholarship* que lhe permitiu iniciar seus estudos naquela universidade — do Professor Percy A. Martin, da Universidade de Stanford, do Professor Alexander Robertson, de Washington, do naqueles dias Professor Oliveira Lima, da Pontifícia Universidade Católica, também de Washington, — quer da parte de críticos acadêmicos e até antiacadêmicos: Henry L. Mencken, por exemplo. João Lúcio de Azevedo, Antônio Torres. No Brasil, o mesmo ensaio não teria — é certo — a menor repercussão. Mas a verdade é que poucos seriam os exemplares que aqui chegariam, devendo-se também notar que era bem menor do que hoje, naqueles dias, o número de brasileiros conhecedores da língua inglêsa. Era para muitos uma língua mais associada a técnicas e a esportes do que a letras e a ciências.

Por outro lado, os anos que se seguiram ao regresso do autor, do estrangeiro — dos Estados Unidos se transferira para a Europa, onde seus estudos seriam principalmente os antropológicos em museus especializados; e orientados, de Colúmbia, pelo Professor Franz Boas — foram para êle de quase acedia; de desinterêsse quase mórbido por seus estudos realizados no estrangeiro e absurdos, alguns dêles, para o Brasil daquela época — um Brasil talvez mais convencional e, no meu sentido, mais suburbano, que o de hoje; de esforço de reintegração simples, pessoal no meio brasileiro. Esfôrço que implicou, por algum tempo, em repúdio, pelo nativo de volta à sua aldeia, às suas ligações com as universidades ou cidades universitárias estrangeiras com que estivera em contacto. Com Colúmbia. Com Oxford. Com a Sorbonne. Daí seu desprezo pelo opúsculo escrito em inglêso ter sido igual ao desinterêsse que pelo mesmo ostentaram os então secretários dos Institutos Históricos — o Brasi-

leiro e o Pernambucano — a quem foram oferecidos pelo autor exemplares do ensaio, por sugestão de seu mestre e amigo Oliveira Lima.

Era um trabalho de jovem que talvez devesse ter merecido alguma atenção da parte daqueles já provecctos brasileiros. Não mereceu nenhuma. Eles parecem ter enxergado no livreco apenas literatice; e essa, em linguagem inglêsa, que desconheciam. Era um trabalho — devem ter raciocinado — que, para ser histórico, apresentava-se paupérrimo em suas citações de datas e de nomes próprios; e a que faltava, por outro lado, para ser considerado tentativa de interpretação sociológica de história, um mínimo de solemnidade nas citações de sociólogos, dentre os então conhecidos no Brasil. Sendo assim, como poderia um trabalho tão diferente dos convencionais ser tomado a sério em sodalícios então dominados por intelectuais tão caturras? Se o ensaio merecera a aprovação de mestres universitários nos Estados Unidos isto não surpreendia. Um dos caturras, quase imitando certo personagem de Eça, chegou a perguntar certa vez ao autor: “Mas existem mesmo universidades de alta categoria intelectual nos Estados Unidos?” A idéia predominante entre muitos dos intelectuais brasileiros da época, a respeito daquele país, era ainda sumária. Admitiam apenas o brasileiro que tivesse, em escolas dos Estados Unidos — ou antes, em suas oficinas — estudando Engenharia, Mecânica, Agricultura. Donde o autor raramente se ter confessado, naqueles dias, aos seus compatriotas, individuo de formação universitária que estudara, nos Estados Unidos, Ciências Políticas, Jurídicas, Sociais. Que recebera lições de juristas como John Bassett Moore, de sociólogos como Giddings, de economistas como Seligman, de antropólogos como Boas, de helenistas como Zimmern — este, de Oxford, Ou que não havia estudado com anglo-saxões nem Engenharia nem Mecânica nem Agricultura, porém Ciências Políticas, inclusive algumas Jurídicas e várias Sociais. Entre as Sociais, a Antropologia Cultural e a História Social. Entre as Políticas, a Economia. Entre as Jurídicas, a Diplomacia e o Direito Internacional.

Foram êsses estudos na Universidade de Columbia, que o levaram — numa época

em que a grande universidade estava ainda quente da presença, entre seus mestres, de Charles A. Beard, o autor de *Economic Interpretation of the Constitution* e conservava entre seus catedráticos, um mestre de Sociologia como Giddings, um professor de Economia como Seligman, jurista do saber de John Bassett Moore e de Munro — a interessar-se não só pela interpretação econômica como pela interpretação sociológica do passado humano; e não só pela chamada “economic data” como pelas “histories of every day life” que para êle, desde então, passaram a constituir parte considrável não só da Antropologia como da História Social.

Estava-se na Universidade de Columbia, nos dias do autor de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* alu no graduado da sua Ficuldade de Ciências Políticas — Políticas, Jurídicas e Sociais — sob o impacto da renovação intelectual que ficaria conhecida por “New History”. Segundo a “New History”. — nisso semelhante à renovação de estudos histórico-sociais que vinha sendo empreendida na França por Marcel Bloch e seria continuada por vários dos seus discípulos, um dêles o homem Mestre Fernand Braudel — ao estudo do passado humano fazia-se necessário aplicar critérios diferentes dos convencionais — isto é dos cronológicos, dos concentrados apenas no estudo dos fatos políticos e guerreiros. Êsses critérios novos, sugeriram-nos os avanços em Psicologia, em Antropologia, em Economia, em Sociologia, em Geografia, em Ciências Políticas e Jurídicas, na própria Biologia.

Havia, é certo, o perigo de um generalismo que, em vez de corrigir excessos de especialismo, conduzisse o estudo do passado humano ao excesso oposto. Mas havia também um possível meio-térmo entre tais excessos. Não fôra através dêsse meio-térmo que Beard escrevera sua logo clássica *Economic Interpretation of the Constitution*? E que Turner traçara sua também logo clássica *The Significance of the Frontier in American History*? Que Thomas e Znaniecki produziram sua monumental *The Polish Peasant in Europe and America* (1920)? Que D. H. Kulp traçou sua *Country Life in South China* (1925). Robert S. Lynd e Helen M. Lynd, seu *Middletown* (1929) e G. T. Robinson sua *Rural Russia under the Old Re-*

gime (1932)? Que Thurman Arnold veio a escrever o seu *The Folklore of Capitalism* (1938), Max Radin, o seu *The Manners and Morals of Business* (1939) e Nortense Powdermaker, *After Freedom: a Cultural Study in the Deep South* (1939)?

O que se firmou, naqueles dias, na Universidade de Colúmbia, foi principalmente isto: a consciência de ser necessário a estudos mais profundos do passado humano que os convencionais, o critério cultural — “cultural approach” — que os libertasse de várias convenções, inclusive duas, importantíssimas: a etnocêntrica e a de se separarem arbitrariamente no sentido de uma sociedade, aspectos especiais do seu comportamento, para análises inteiramente isoladas, através de um especialismo pseudo-científico. Tal libertação verificou-se em grande parte, através da Antropologia Cultural. Como sugere a Professora Caroline F. Ware, na introdução à obra coletiva *The Cultural Approach to History*, (1940), o estudo de sociedades primitivas — grupos, de ordinário, pequenos — permitiu ao cientista social especializado em Antropologia antecipar-se aos demais cientistas sociais na realização de pesquisas sociais — e histórico-sociais — em que as culturas analisadas passaram a ser consideradas como todos ou complexos, para que fôssem assim compreendidos os aspectos particulares dessas culturas; e também como culturas válidas em relação a si próprias aos seus próprios valores — e não aos do sistema ocidental de cultura a que estivesse passivamente ligado o analista.

À base de estudos antropológico-culturais é que, em vários dos mais recentes estudos sociais, vêm sendo considerados como que gestaltianamente os complexos socio-culturais que constituem uma cultura contemporânea; ou que caracterizaram uma época dessa cultura, quando cultura já histórica. Daí serem falhos, para quantos seguem semelhante critério, os estudos econômicos, por exemplo, ou políticos, ou sociológicos, a que falte o sentido como que gestaltiano da configuração total da sociedade, da economia, do tipo de governo considerado; o conhecimento das origens e do desenvolvimento dessa economia, dessa sociedade ou desse tipo de governo.

O autor de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* — agora *Vida*

Social no Brasil nos Meados do Século XIX — ao reler hoje esse seu trabalho de extrema juventude (1922), muito se regosija com o fato de que nele madrega, pioneiramente, um critério gestaltiano de interpretação sociológica de uma época do passado social brasileiro, que como critério de reconstituição e de interpretação de um momento histórico em que se considere o aspecto intimamente sexual desse momento talvez não se encontre, tão específico, em trabalho anterior ao seu, publicado em qualquer língua. Esse critério éle o desenvolveria no seu “*Vida Social no Nordeste brasileiro (1825-1925)*”: aspectos de um século de transição”, publicado em 1925 na obra coletiva, comemorativa do 1.º centenário do *Diário de Pernambuco*; e nos seus trabalhos, porventura mais sistemáticos, além de mais densos, do que esse, *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambo* e *Ordem e Progresso*.

É um critério que se inspira na “*New History*”, sem dúvida; e que se apoia, em grande parte, nos estudos de Antropologia do autor com o Professor Franz Boas, na Universidade de Colúmbia; e nos seus contactos, em Oxford, com os então recentes estudos de História Social empreendidos por ingleses. Mas não deixa de ter suas originalidades: uma delas, o modo de vir descendo o autor de tal modo à reconstituição do comportamento íntimo dos grupos que vêm procurando analisar — reconstituição histórica, reconstituição antropológica, e interpretação psicossocial — que alguns críticos anglo-saxônicos, ainda impregnados, ao que parece, de moralismo vitoriano, têm dito do autor que não faz história social e sim história sexual. Ao que um crítico brasileiro já acrescentou não serem os trabalhos do autor de *Casa-Grande & Senzala* nem de Sociologia nem de História nem de Antropologia nem de Literatura e sim pura e simplesmente de pornografia. Tal tendência — tendência senão para a chamada pornografia, para a consideração insistente do factor sexual na formação da sociedade e do *ethos* brasileiro veio a acentuar-se, é fato, em *Casa-Grande & Senzala* e em *Sobrados e Mucambos*; mas já se esboça em *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century (Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX)*. Talvez já se tenha tornado evidente, do autor que, no seu modo complexo — antropo-

lógico ao mesmo tempo histórico-social — de vir versando os seus temas, não vem imitando, como já sugeriu outro crítico brasileiro, os Lynd; nem qualquer outro autor estrangeiro, embora de vários tenha assimilado sugestões e aproveitado estímulos. Os Lynd apareceram em 1929. O autor de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* (*Vida Social no Brasil nos Meados do Século*) em 1922 já bem ou mal arranhava aquêles temas, servindo-se pioneiramente de critérios e de técnicas de que viria a utilizar-se menos desajeitadamente — talvez — em 1925 e, com alguma amplitude e alguma repercussão, em 1933, em obra da qual se diria na Europa e nas Américas que poderia servir de modelo a estudos europeus e americanos de um nôvo e necessário tipo. Entre essas técnicas, a de reunir o analista sôbre as épocas que vem procurando reconstituir, para as interpretar, todo o documentário litográfico e fotográfico que lhe tem sido possível reunir sôbre pessoas, sôbre casas, sôbre veículos, social e culturalmente significativos. Iniciou-a o autor precisamente em 1922, ao preparar o seu ensaio em língua inglêsa sôbre os meados do século XIX no Brasil. Com o maior prazer veria tal método de impregnar-se o analista do ambiente característico de uma época, consagrado, alguns anos depois, pela ilustre *American Historical Association*. A qual, ao publicar em 1940 o seu *The Cultural Approach to History*, como que oficializaria a utilização científica de daguerreótipos, de litografias e de fotografias não só para a ilustração como, principalmente, para a preparação de estudos histórico-sociais. Consideraria a mesma Associação tal utilização, pela palavra dos Professôres Roy E. Stryker e Paul H. Johnstone, de “as yet unrealized potentialities”; e destacaria o valor da captura, por meio da fotografia documental, de “important but fugitive items in the social scene”. Pois “documentary photographs... can interpret the human and particularly the inarticulate elements”. Principalmente quando nos lembrarmos que “every culture... creates its own landscape”. Não só cada cultura cria sua paisagem — susceptível de ser documentada por fotografias: cria também seus tipos de móvel, de homem, de mulher, de criança, de interior doméstico, de veículo, também suscep-

tíveis de ser documentados em litografias, de valor antropológico-cultural e histórico-social. O autor de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* impregnou-se o mais possível de sugestões da época captadas através dessa espécie de material: daguerreótipos e litografias.

Fazendo-o, talvez tenha se afastado um tanto, aos olhos dos mais ortodoxos cientificistas dos estudos sociais daquela época, da disciplina da formação científica. Essa disciplina êle a adquiriu em centro sofisticadamente cosmopolita de saber como a Universidade de Colúmbia. Mas antecipando-se aos mesmos ortodoxos quanto aos rumos que tomariam os estudos dêsse caráter, quer naquele, quer noutros meios de formação rigorosamente universitária de cientistas sociais.

Pois o que agora se diz nesses meios — é de 16 de fevereiro último um artigo no *The Times Educational Supplement*, de Londres, sôbre o assunto — é justamente isto: que enquanto “the scientific method, which weighs evidence and deduces general conclusions”... “is appropriately applied to what one might call the outward form of history”... “its inner content”... “the rhythm and purpose which gives the relationship between historical events an organic unity, these can be only understood through the imaginative or intuitive faculty”.

Foi o que procurou, dentro dos seus limites, o autor, em trabalho de estudante, mal saído da adolescência, que agora reaparece sem que o tempo o tenha tornado de todo arcaico: compreender um momento significativo do passado mais que social, íntimo, da gente brasileira, descendo tanto quanto lhe foi então possível descer, pela ciência com o auxílio da intuição, ao “inner content” dêsse passado; ao ritmo que lhe pareceu então ligar os fatos reunidos, através de pesquisas em fontes da época, num conjunto vivamente orgânico.

Relendo o leitor mais pachorrento, com alguma atenção, trabalho já tão remoto como é o ensaio agora intitulado *Vida Social no Século XIX*, talvez concorde com o autor em que em suas páginas se encontra o germen de tôda uma série de estudos que bem ou mal — provavelmente mal — vieram a ser por êle realizado, dos trinta aos sessen-

ta anos: *Casa-Grande & Senzala, Sobrados e Mucambos, Nordeste, Inglêses no Brasil, Um Engenheiro Francês no Brasil*. Em gémen também aqui se encontra o ainda em elaboração *Jazigos e Covas Rasas*, em que se pretende reconstituir e interpretar, sob o mesmo critério sociológico e antropológico seguido naqueles ensaios, o conjunto de ritos de sepultamento de mortos, característicos tanto da convivência como da hierarquia patriarcais no Brasil.

Foi assim aquêlê trabalho de jovem mal saído da adolescência, a antecipação de várias das produções em que se empenharia o homem já feito, como se cumprisse um programa por êle próprio traçado nos seus dias de simples universitário. Antecipação não só daquelas produções, especificamente consideradas: também de todo um conjunto de métodos que se desenvolveriam, com algum pioneirismo, naqueles e noutros trabalhos.

Entre êsses métodos, além da utilização — como já foi recordado — de daguerreótipos, litogravuras, fotografias da época estudada, isto é, das sugestões evocativas e das informações de caráter antropológico e não apenas relativas a pormenores estritamente históricos que essa espécie material é capaz de transmitir ao pesquisador — a utilização de jornais e de revistas, inclusive dos seus anúncios; a utilização, também, de depoimentos de sobreviventes idôneos da época evocada, interrogados, ouvidos e consultados pelo mesmo pesquisador. De vários sobreviventes. Portadores, portanto, de várias verdades e não de uma só; ou de vários modos de contar ou de evocar ou de comentar a verdade por êles experimentada, vista e sentida na meninice ou na mocidade. A verdade ainda verde ou ainda crua: antes de se tornar, amadurecida e tratada por uma arte-ciência semelhante à da culinária, verdade histórica.

Ao mesmo tempo, certo modo como que impressionista, de tentativa de reconstituição do passado mais íntimo e até mais sexual do brasileiro — modo tornado possível pela atitude empática do autor com relação aos fatos e, principalmente, ao elemento humano, uns e outro evocados mais com alguma saudade dos antepassados do que com sistemática repugnância pelo antigo só por ser antigo — já está presente no agora intitulado *Vida*

Social no Brasil nos Meados do Século XIX. Presente e à espera de ser desenvolvido.

Não supõe o autor que o tenha levado a conceber, ainda adolescente, um ensaio como *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* — agora *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX* — um ânimo mais forte que o introspectivo. Ou que o de análise de si mesmo: o de encontrar-se a si mesmo nos seus avós, nos seus antepassados, nos brasileiros de uma época anterior a sua e a dos seus pais. A tanto acredita que o levaram, ao mesmo tempo que a leitura de Montaigne e de Pater — o Walter Pater, autor dessa pequena obra-prima, que tanto impressionou a adolescência do autor, intitulada *The Child in the House* — os estudos de Antropologia alongados nos de Psicologia; e alongados também na leitura daqueles místicos espanhóis, lidos também na adolescência, dos quais continuaria adepto.

Antes de Proust, já Walter Pater comunicara ao autor de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, o gosto pela recaptura daquele tempo que o indivíduo, pela extensão da memória individual em memória familiar e até tribal ou nacional, pudesse surpreender “almost still”; e no qual encontrasse suas origens mais íntimas juntamente com uma melhor percepção daquilo que um intérprete do mesmo Pater, o Professor A. C. Benson, chamaria o contraste — ao mesmo tempo que a semelhança — entre o que somos e o que fomos: “what we are and what we have become with what we were and what we might have been”. Isto, também: o que poderíamos ter sido. Especulações psicológicas sobre o que o indivíduo que se analisa, projetando essa análise sobre o passado da sua gente, poderia ter sido se outro tivesse sido o ambiente da sua meninice; e se outros tivessem sido os ritos sociais de sua formação; e outra, também sua herança não só física como cultural, dos avós ou dos antepassados.

O autor inclui entre as ilustrações que acrescenta agora ao texto revisto e, em alguns trechos, aumentado, da presente edição de *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* — agora *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX* — a reprodução da página em que o engenheiro e arquiteto francês L. L. Vauthier procurou

dar a leitores europeus, em artigo escrito naquela época para a *Revue d'Architecture et Travaux Publics, de Paris*, idéia exata do que fôsse, do ponto de vista arquitetônico, um sobrado brasileiro daqueles dias. Sinal de que encontrara na arquitetura doméstica do Brasil alguma coisa de original e de característico.

O autor adverte que as observações de Vauthier, quer sobre a arquitetura dos sobrados, quer dos engenhos, contidas não só naquele seu artigo, como no seu diário, eram por êle totalmente desconhecidas — pois ignorava então a existência, tanto do artigo como do diário, cujo MS lhe seria anos depois oferecido pelo historiador Paulo Prado, que o descobrira em Paris. Ignorava-os quando escreveu não só o seu trabalho de mocidade universitária, agora reeditado, como quando elaborou, tanto o mesmo trabalho por base, ainda que remota, os seus ensaios *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Só viria a conhecer aquêles artigo de Vauthier no decorrer de suas pesquisas, posteriores à elaboração daqueles dois livros, sobre o mesmo Vauthier e a sua ação de engenheiro e de arquiteto no Brasil. Ação que tendo se iniciado na década 40, com a presença daquele técnico francês no Império brasileiro, prolongou-se durante anos, através dos contactos que Vauthier continuou a manter, por correspondência, com o Brasil e com os acontecimentos brasileiros.

Desconhecido, também, do autor, quer na sua mocidade de universitário, quer quando escreveu os ensaios já referidos, era outro diário precioso relativo, em várias de suas passagens, ao passado patriarcal mais

íntimo do Brasil: e deixado pelo seu parente Félix Cavalcanti de Albuquerque.

O autor deve também insistir, nesta edição brasileira do seu trabalho de universitário, que, para escrevê-lo, se socorreu exclusivamente — dentro dos rigores de técnica característicos de teses e de dissertações universitárias — de fontes da época, explicando-se assim o fato de não citar — a não ser, de raspão, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima e Carlos de Laet e nem mesmo de raspão, Capistrano de Abreu — escritores que se ocuparam retrospectivamente de fatos, costumes e personalidades brasileiras do meado do século XIX; e de não ter chegado a tomar conhecimento, no estrangeiro, de ensaios, então recentes, como os, aliás, admiráveis, sobre o passado brasileiro sociologicamente considerado, dos seus eminentes compatriotas Gilberto Amado e Oliveira Viana.

A publicação em língua portuguesa de ensaio, escrito há quarenta anos em língua inglesa, repete o autor que muito o alegra. Seus agradecimentos se estendem principalmente ao erudito e paciente tradutor, o antropólogo Valdemar Valente. Mas também ao diretor do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, o geógrafo Mauro Mota, a quem se deve a iniciativa desta publicação, acompanhada de umas tantas ilustrações essenciais: reproduções — algumas delas — de originais da coleção de documentário litográfico e fotográfico do autor; outras, de originais de coleção Francisco Rodrigues (Norte do Brasil) e Ribeiro Lamego (Sul do Brasil).

Sto. Antônio de Apipucos, 1962.

RÉSUMÉ

Dans sa thèse universitaire "Social Life in Brasil in the Middle of 19th Century", présentée à l'Université de Columbia par Gilberto Freyre, alors adolescent, thèse qui vient seulement d'être traduite en Portugais, l'auteur, trouve, quarante ans après, les germes de ce qui allait devenir plus tard sa façon d'interpréter le passé patriarcal brésilien, adoptée en des travaux comme "Casa Grande e Senzala (Maitres et Esclaves)", "Sobrados e Mucambos", "Ordem e Progresso". Dès cette époque nul radicalisme soi-disant scientifique. Aux fondements rigoureusement scientifiques se joignait un approfondissement "symathique" de la réalité. Déjà alors l'union

entre la puissance d'observation et la sensibilité intuitive. C'est pour cela que cette thèse n'a pas été reçue au Brésil comme elle a été reçue en des milieux universitaires étrangers.

"Social Life in Brasil in the Middle of the 19th Century" a été écrite sous l'emprise du renouveau intellectuel que l'on connaît sous le nom de "New History", mouvement qui a aperçu l'urgence qu'il y avait de modifier les moyens d'étude du passé humain, jusqu'alors centrés dans l'analyse des faits purement politiques et ayant rapport à la guerre. C'est ainsi que l'auteur a profité du progrès qui, sous de nouveaux critères, se réalisait dans

la Psychologie, dans l'Anthropologie, dans l'Économie, dans la Sociologie, dans la Géographie, dans les Sciences Politiques et Juridiques, dans la Biologie même. L'auteur avoue qu'il est aussi influencé par Walter Pater et par les mystiques espagnols qui lui ont donné des instruments plus aigus pour pénétrer dans la réalité historique.

Le travail universitaire dont nous parlons

porte ces deux empreintes. L'auteur accomplit la tâche d'interpréter l'histoire, le passé brésilien, d'une façon "sympathique" (il emploie en Portugais le mot *empático*). Il retourne à la familiarité de ses aïeux, en les rendant intelligibles dans le processus historique. Il méprise ainsi une méthode exclusivement scientifique et abstraite.

ABSTRACT

In *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century*, — a thesis submitted to Columbia University by the then young Gilberto Freyre and only now translated into Portuguese — the author finds again, forty years later, the germs of what would become his approach to Brazilian patriarchal past, adopted thereafter in works like *Masters & Slaves*, *Sobrados e Mucambos*, *Ordem e Progresso*. Already at that time no scientificist radicalism was present in his mind: side by side with scientific accuracy one may feel a penetrating insight into reality, a coupling of observation with intuitive responsiveness. For that reason, it was rather difficult, if not impossible, for his essay to find in Brazil of that time the same acceptance given to it by foreign University centres.

Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century was written under the impact of the intellectual renewal that would become known as the *New History*, resulting from a generally felt urgency towards an alteration in the ways of studying the human past, so far restricted to the analysis of merely political and warlike facts. The author was thus affected by the coming new ideas in psychology, anthropology, economics, sociology, geography, political sciences and law, as well as in biology, to which he is deeply indebted, not to mention the influences of Walter Pater and the Spanish mystics. Under these his university activities developed. Hence the Brazilian past, of a good measure of empathy through which he manages to bring his ancestors back to life.